



Recebido em: 10/01/2022

Aceito em: 02/02/2022

**As narrativas orais africanas como registros fundamentais para produção
de um enredo para escola de samba**

**African oral narratives as fundamental records for the production of a plot
for a samba school**

Mestrando Severo Luzardo Filho¹

UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/0129710833464460>

Doutor Madson Luis Gomes de Oliveira (Orientador)

UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/7992901895916913>

Resumo: Este trabalho registra a experiência de receber os ensinamentos através das tradições orais africanas, de um soba numa aldeia no interior do deserto de Namibe. Compreendendo como a tradição oral se faz presente na África, atuando como uma fonte legítima de pesquisa. Ademais a fé e a religiosidade angolana caracterizam-se como rico material discursivo que se cruzam na narrativa do tempo, e influenciam aspectos sociais e históricos. É intenção desse artigo, ainda, revelar a transformação do material coletado em uma sinopse carnavalesca, base de dados e informação cultural do enredo Nzara Ndembu, para o carnaval da Escola de Samba União da Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, de forma clara e objetiva, transformando em signos de comunicação, os saberes recebidos relacionados com o tempo.

¹ Autor principal Figurinista e Carnavalesco. Mestrando da Escola de Belas Artes da UFRJ

Palavras-chaves: Oralidade. Soba. Bantos. Religiosidade africana. Saberes africanos.

Abstract: This work records the experience of receiving the teachings through African oral traditions, from a soba in a village in the interior of the Namibe desert. Understanding how the oral tradition is present in Africa, acting as a legitimate source of research. Furthermore, Angolan faith and religiosity are characterized as rich discursive material that intersect in the narrative of time, and influence social and historical aspects. It is also the intention of this article to reveal the transformation of the collected material into a carnival synopsis, database and cultural information of the Nzara Ndembu plot, for the Carnival of the União da Ilha do Governador Samba School, in Rio de Janeiro, in a clear way and objective, transforming time-related knowledge received into communication signs.

Keywords: Orality. Under the. Bantos. African religiosity. African knowledge.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal, registrar como a oralidade tem um papel importante na cultura de um povo. Para isso, foram transcritas todas as informações recebidas através de um soba, numa aldeia no interior do deserto de Namibe, em Angola, vistas como espaço de interseção de saberes e conhecimentos guardados e transmitidos ao longo de várias gerações, e que revelam uma experiência sensível relativa aos aspectos da crença religiosa. Como respostas às interrogações humanas, surgiram realidades diversas, ricas de significados e significantes, evidenciando-se na relação do homem com o tempo. A ideia é vermos a construção das narrativas dos povos bantos e percebermos como as instâncias lógicas se articulam e proliferam significados.

É preciso explicar que o artigo refere-se a uma experiência pessoal do autor principal, durante uma viagem de trabalho ao continente africano, por isso a maior parte do escrito está em primeira pessoa do singular (EU). No entanto, a pessoa da escrita se modifica vez ou outra (NÓS), quando convida o leitor à entrar nessa experiência, assim como nas partes em que recebeu colaboração do orientador da pesquisa de mestrado.

Quanto à estruturação deste artigo, vamos apresentar um diálogo histórico-cultural, do qual adquiri as narrativas a serem transformadas em um enredo de escola de samba, apresentando algo inédito no carnaval do Rio de Janeiro. Também utilizo bibliografia com similaridade pertinente aos assuntos apontados, conferindo dados e confrontando opiniões. Não podemos esperar a existência de um conjunto significativo de informação editadas e publicadas sobre a religiosidade e a relação do homem com o tempo pelos povos bantos. Os estudos relativos resultam escassos e difíceis de se encontrar, apesar do meu trabalho de pesquisa ter envolvido diferentes tipos de recursos como registros escritos, diálogos com moradores da cidade de Moçâmedes, internet, livrarias, bibliotecas e plataformas científicas. Ao final das análises, apresento o resultado através da sinopse desenvolvida sobre a relação do tempo com o homem na condição da religiosidade banto.

Nzara Ndembu, glória ao senhor tempo

No ano de 2017, fui visitar Angola para gravar cenas para uma novela em que eu atuava como figurinista. Como estava elaborando o enredo para o carnaval da Escola de Samba União da Ilha do Governador, resolvi ter um olhar especial para a religiosidade e tentar conseguir material como livros, fotos, artigos, manuais e tudo o que pudesse ser útil para o aprendizado das relações do homem com o tempo, mas foi impossível ter acesso a livros nesta cidade. Angola possui uma diversidade cultural muito rica que se manifesta em todos os ambientes sociais. É um país constituído

por muitas etnias que se interseccionam e interagem num rico patrimônio sociocultural. A capital Luanda é pungente, exótica e cheia de contrastes. Nesta cidade, fiquei alguns dias, onde tive diversas reuniões com o pessoal do Ministério da Cultura e Educação. Atravessei diversas vezes a cidade, onde ficava retido em engarrafamentos intermináveis e pude observar muito bem os contrastes entre a miséria da maioria da população e o luxo de uma minoria, pois Luanda tem em sua malha urbana, 50% de musseques (favelas). Tentei conseguir algumas informações que ajudassem a sedimentar meu trabalho para o carnaval, mas as respostas eram sempre evasivas, desentendidas, sem nada que pudesse oferecer um caminho. Parecia que eu estava falando sobre algo proibido, sobre um assunto indesejado. Somente encontrei pessoas que falavam da religião evangélica e outros que falavam da religião católica. Comecei a entender que hoje, temos uma Angola colonizada, e prevaleceu a crença do dominador. Obras do campo da ciência e das religiões são muito raras e de difícil acesso. Em sua obra *A fanática missão civilizadora de um religioso na Angola rural do século XVII (A Gloriosa Família, de Pepetela)*, Denise Rocha (2018, p.3) fala que:

Em nome da religião, da fé verdadeira e da salvação da alma, os missionários europeus – capuchinhos e jesuítas – invadiram culturas da costa ocidental africana (Congo, Matamba e Angola), desde o século XV, no âmbito da colonização portuguesa. Durante o radical processo de evangelização, tais religiosos negavam a existência das divindades e dos espíritos, combatiam o culto aos ancestrais e repudiavam os sacerdotes nativos, os curandeiros e os feiticeiros, bem como, rejeitavam as formas de expressão das religiosidades locais: os ritos de passagem, as cerimônias para os recém-nascidos e os mortos, as oferendas, as libações, a leitura de búzios etc. Por meio de visitas de padres e suas línguas (intérpretes) aos kimbo (aldeias), e da criação de missões e escolas católicas, o cristianismo adentrou e se tornou um elemento desagregador da cultura local, conforme aparece no romance *A Gloriosa Família: No tempo dos Flamengos*, do angolano Pepetela.

A igreja católica usou instrumentos de dominação colonial na costa ocidental e instituíram a evangelização forçada. Isso influenciou diretamente no comportamento nativo das tribos locais.

Antes da destruição católica, muitas etnias com idiomas e religiosidades múltiplas, conviviam harmonicamente no território angolano. Eram exatamente esses registros que eu estava buscando, então passei a tentar outro tipo de abordagem.

Na sequência da viagem, fui para o sul, para a cidade de Moçâmedes, capital da província de Namibe. Esse lugar, é terra dos povos hereros, que habitam a região desde a grande migração banta, iniciada na metade do primeiro milênio da era cristã.

Como de costume, durante o processo de gravações, o titular de cada departamento tem um motorista à sua disposição para eventuais necessidades do trabalho. O meu motorista, se chamava Correia Cacongua Kamati Manco, e foi ao

longo do período se tornando um grande amigo e figura importante para o acesso ao que estava buscando. Levou-me para conhecer os lugares onde turista comum não vai. Entramos em casas simples de moradores, parentes ou amigos. Fomos aos mercados tradicionais, passeamos de barco para ilhas próximas e comemos diversas iguarias locais. Num desses almoços, revelei a minha intenção em conseguir informações sobre a religiosidade local, sobre os rituais, sobre o tempo.

No domingo de folga, Correia chegou no hotel e disse que precisávamos sair para um passeio. Fomos então para dentro do deserto de Namibe e, durante uma hora e meia, só conseguia ver as areias escaldantes do deserto e algumas plantas (que pareciam murchas).

Ao chegar num portal de rochas, onde tinha uma espécie de porteira com galhos de madeira cruzados impedindo a passagem, desci do carro e fui recebido por uma criança que estendeu a mão para receber oitenta dólares. O fato de uma criança pegar o dinheiro, significa que nesse grupo banto, todos tem a mesma importância e igualdade entre eles. Na sequência, mandou que eu retirasse toda minha roupa, deixando-as com Correia que ficou no carro. Muito constrangido, obedeci e seguimos caminhando rumo ao interior da aldeia.

Fui recebido por um soba, o senhor Ngulawa, que é o responsável pela segurança da aldeia: e estabelece regras, toma decisões, desempenha o papel de juiz e age de forma a prevenir o surgimento de problemas. Sua figura era séria, quase que amedrontador. Caminhamos devagar nos afastando e trocando os primeiros diálogos. Ele escutava atentamente, enquanto eu perguntava a relação do tempo em suas vidas. Então nos sentamos numa parte do deserto, onde contou que Nzambi Mpungu, o grande criador, que vivia na origem do universo, convocou Kitembo, o rei de Angola, para ser transformado no Inquice mágico do tempo (os inquices são divindades da religiosidade banto). Ele dissertou sobre as modificações que houve então e começou a falar de coisas como a Pangeia. Fiquei impressionado com sua sabedoria e como detinha tanto conhecimento.

A maioria das sociedades africanas possuem tradição oral, apesar de terem recebido a escrita alfabética decorrente do contato com os europeus e os árabes. A tradição oral acumula uma bagagem cultural que açambarca a sua origem e o conhecimento, trazendo consigo no dia a dia desses povos, o presente e o passado em um mesmo espaço de tempo. Estas comunidades orais, respeitam hierarquias para passar todos esses conhecimentos acumulados. Algumas pessoas com características específicas e memória prodigiosa, mesmo sendo iletrados, são escolhidas para serem os conhecedores do ofício da palavra. Eles conseguem guardar muitos conhecimentos, fatos do seu povo, histórias a serem perpetuadas. Guardam

na memória saberes dos seus ancestrais, e acumulam os fatos do presente que precisam ser registrados em novas histórias.

Em seu artigo *A Tradição Oral na África* Zuleide Duarte (2009, p. 182) descreve:

Nas sociedades tradicionais africanas as narrativas orais configuram os pilares onde se apoiam os valores e as crenças transmitidas pela tradição e, simultaneamente, previnem as inversões éticas e o desrespeito ao legado ancestral da cultura. A performance que acompanha essas narrativas responde pela atualização constante dos ensinamentos, tornando-se exercício vivo e interativo entre os membros da sociedade. Visual, mímico, imaginativo e encantatório, o texto oral transmite o legado mais legítimo das culturas locais através dos exemplos que visam à solidificação dos laços entre os membros do grupo e garante o discernimento do lugar de pertença do indivíduo, sua filiação identitária, permitindo-lhe uma visão de si mesmo e do outro com um mínimo de conflitos.

Ao falar da Pangeia, o soba Ngulawa começou a tecer um paralelo muito similar entre nossos dois países (Brasil e Angola), que um dia foram um único território e depois separados pela movimentação constante das placas tectônicas. De fato, podemos ver a influência africana no Brasil em uma série de manifestações culturais. As tradições dos povos bantos, foram contribuições que estão enraizadas dentro da nossa sociedade, seja na musicalidade, nas expressões artísticas, na culinária e na religiosidade. Essa analogia, muito sábia e proposital, nos aproximou espiritualmente e desmontou minha posição defensiva. Observei tudo atento e guardei na memória os ensinamentos e gestos.

Com uma mão pegava um punhado de areia e deixava escorrer entre os dedos. Repetiu o aceno várias vezes, até que perguntou: o que tem aqui? Rapidamente respondi: areia. Ele levantou os olhos e falou: temos o tempo nesse punhado de significados. Ao observar a areia mais atentamente, percebi que tinham muitas conchinhas minúsculas, quase imperceptíveis, de todas as formas e cores e diminutos camarões. Alguns pedaços de ossos ficavam mais evidentes, e alguns maiores ainda estavam em exposição pela aldeia. Durante um bom tempo, explicou que ali naquele lugar, já viveram mamutes, saurópodes, tartarugas e outros animais gigantes, mas que o tempo muda toda a natureza. Transforma e altera os conhecimentos. Que em alguns períodos do ano, as águas do rio Giraul trazem os camarões para dentro do deserto, pois o tempo das marés, faz com que as águas cheguem até eles trazendo novos alimentos.

Ao buscarmos na Wikipédia informações sobre o fenômeno desse rio, encontramos:

O rio Giraul, é um curso de água de Angola que faz parte da Vertente Atlântica. nasce na Serra da Chela e atravessa toda a árida província do Namibe até ao oceano Atlântico, onde deságua, a norte da cidade de Moçâmedes. O seu curso é bastante declivoso, serpeando através de altos morros em terrenos pedregosos. Trata-se de um rio de

regime torrencial que se torna caudaloso nos meses de fevereiro e março, por períodos curtos de alguns dias ou semanas. [...] As margens do rio Giraul são habitadas deste tempos pré-históricos, o que é comprovado pela descoberta de estações arqueológicas líticas.

Vivendo este momento peculiar de aprendizado, em que se cruzam muitas informações e confundem conceitos pré-estabelecidos na mente, passei a jogar tudo isso para dentro do carnaval e, aos poucos, foram aparecendo as primeiras ideias carnavalizadas. É natural que um profissional de criação voltado para o audiovisual, comece imediatamente a decupar esses temas, produzindo imagens e alavancando discussões de várias ordens. Dar significado a essas questões não é uma tarefa fácil. Recorro aos ensinamentos de Barthes (2012, p. 55), que revelam: "o significado não é uma 'coisa', mas uma representação psíquica da 'coisa'". Entender isso tudo, e carnavalizar essa experiência, torna um desafio muito grande, uma vez que estava em outro continente com tarefas específicas e diárias.

A criação artística tem um detonador que não é homogêneo para todos os artistas, ainda mais no caso do carnaval das escolas de samba, que deve transmitir mensagens por meio de uma sinopse que gera o samba-enredo, cantado durante todo o desfile. Mas, o forte poder plástico-visual das alegorias (pontuando momentos-chaves do desfile) e as alas de desfilantes (que diluem de forma pormenorizada a síntese do enredo) é que dão o tom, as formas, as texturas plasmadas em volumes e significados reconhecidos pelo público (presente nas arquibancadas e camarotes do sambódromo ou mesmo para os que assistem ao espetáculo pela TV, à distância).

Para entendimento, quando definido o tema, o carnavalesco tem aproximadamente três meses para elaborar o projeto do desfile. A sinopse com o detalhamento do enredo é a primeira parte, depois o desenho das fantasias de alas, carros alegóricos, figuras de destaques, comissão de frente, e tudo mais que faça parte do espetáculo. É a concepção total do projeto, atividade criativa e ao mesmo tempo, com muita responsabilidade social e cultural.

Voltando agora àquelas plantas que achei meio murchas no deserto de Namibe, o soba Ngulawa perguntou quantos anos a planta tinha. Pelo estado que aparentava a tal planta, arrisquei no máximo dois anos. Novamente ele surpreendeu com o tempo das coisas. Algumas chegam a alcançar mais de mil anos! Contou que Nzumbarandá, a mais velha dos Inquices, juntamente com Kitembo, o rei de Angola, criaram a natureza na Terra e fizeram essa planta para transpor as tradições durante séculos e séculos.

A *Welwitschia Mirabilis*, é assim que se chama a planta símbolo de Angola, pode ser considerada um fóssil vivo, pois existe desde a era dos dinossauros. No

Portal Sapo, desenvolvido pela faculdade de Aveiro, Portugal, encontramos na plataforma Greensavers, uma boa definição para essa planta:

A *Welwitschia Mirabilis* é uma planta endêmica do deserto da Namíbia e do sul de Angola [...] estima-se que alguns dos espécimes tenham entre 1.000 e 1.500 anos. [...] Infelizmente não é uma planta bonita, parece mesmo ter sido atropelada (várias vezes), e será difícil alguém a escolher para colocar no jardim. [...] além de uma densa rede de raízes próximas à superfície do solo com um diâmetro de até 30 metros, a *Welwitschia* também possui uma raiz principal capaz de atingir as águas subterrâneas desde que atinja cerca de 3 metros de profundidade. O nome em afrikaans descreve dois atributos característicos da *Welwitschia*: a sua durabilidade como planta do deserto e o fato de ter apenas duas folhas. Estas duas folhas crescem continuamente, mas lentamente e fingem, à medida que se rasgam com o aumento da idade, ter várias folhas ou mesmo um monte inteiro de folhas.

As divindades da crença banto não possuem formas humanas ou passagens terrenas. Elas são a própria natureza com seus elementos naturais, sua força, sua energia. São as plantas e suas raízes como a *Welwitschia Mirabilis*, são as folhas, a terra, a chuva, os raios, o trovão, o eclipse, as tormentas, os ventos, as pedras, o fogo, as águas doces e salgadas, e tantos outros fenômenos da natureza. São signos e significados para contar uma religiosidade, manter o lado espiritual ativo nos integrantes desta aldeia.

Quando caminhamos para as formações rochosas de granito vermelho (os africanos chamam de kopje), senti uma sensação de liberdade total, algo que tinha transformado meu corpo e mente. Estava atônito, num lugar inóspito, com tamanha beleza da natureza. E por este ser um ambiente único, singular, fez com que o soba Ngulawa falasse calmamente suas últimas informações. Contou-me que as mulheres nas aldeias têm poderes mais elevados que os homens. Elas que respondem pelo desenvolvimento espiritual de toda comunidade. Também transmitem o conhecimento para os mais novos, e ainda são responsáveis pelos cantos nas cerimônias religiosas. Evidencia-se o regime matriarcal, onde elas têm o poder de decisão. São as mulheres que se comunicam com as divindades, ficando para os homens, o toque dos tambores e atabaques, na função de ogãs, além da organização das cerimônias.

A partir deste momento, o soba Ngulawa fez uma série de revelações, espirituais e ritualísticas, com intuito de fazer aumentar o entendimento sobre a relação do tempo com o homem. Mas, seriamente, e com uma expressão fria, falou que tudo seria esquecido e que nunca conseguiria repetir essas últimas revelações.

Na volta ao Brasil, procurei ajuda do Padre Ubiratan de Oliveira Araújo, que por ser um apaixonado pelo carnaval, sempre ajudou nas questões religiosas. Dele tive a indicação para conversar com o Ricardo Euandilu Tenório, que no candomblé de Angola se chama Tata Kambondo Muxiki, e ajudou a mapear todas as informações

recebidas durante a viagem em Angola. Depois de um mês com muito trabalho do pesquisador Jeferson Pedro, entreguei todo o material para o pós-doutor em Narrativas de Cultura Milton Cunha, que com seus estudos sobre religiosidade africana, conseguiu finalizar a sinopse que regeria o projeto de carnaval "Nzara Ndembu, glória ao senhor Tempo" que transcrevo a seguir:

"O Tempo não existe; a não ser em todo o resto que há! E Rei, o Tempo, é uma epopeia, existindo nas coisas todas que hão! É ausência que se apresenta como transformadora presença.

Pois havia as terras dos Bantus, onde Nzambi Mpungu, o grande criador e suprema entidade, vivia em seu suntuoso palácio, Nsanzala dia Nzambi, o Templo da Criação, na origem do universo, entre ampulhetas mágicas e ornamentos de ouro e marfim. Foi quando surgiu a necessidade de convocar Kitembo, Rei de Angola, e transformá-lo no Inquice mágico do tempo: o tempo cronológico e o tempo mítico estariam reunidos para toda a eternidade.

Raios e dias, tempestades e semanas, vulcões e meses, estações do ano e os anos, maremotos e décadas, os segundos em séculos, os minutos em milênios, as horas dando sentido à vida! Abriram-se mágicos portais, que conduziram razão e emoção no longo existir. O destino e a mutação. No interior do Palácio, todo dia e noite, criaturas Nlundis e Fucumbas de ferro protegiam a rara energia maleável e evolutiva- o Nguzu, que dava a Kitembo o poder de transformar o mundo. Foi assim que o espírito livre de Kitembo varou os céus e se fixou na terra, alcançando conexão entre os dois mundos: o sobrenatural e o material. Criou raízes fortes de uma árvore sagrada, que servia como meio de comunicação e de transporte ente os deuses e os homens, em comunhão com o universo. Já lá se vão 4,6 bilhões de anos! Sobre o supercontinente seminal, aliou-se à Nzumbarandá, a mais velha dos Inquices, e juntos criaram a natureza na Terra, solicitando que Katendê lançasse sementes que formariam florestas guardadoras de majestosa biodiversidade.

Este equilíbrio foi maculado com a chegada do grande meteoro que avermelhou o céu. Foi preciso a ação de Kiamboté Pambu Njila, em forma de caminhos e de movimento, para que os continentes e o nível do mar comessem a se mover. Pontes de terra abriram caminhos entre um bloco e outro, permitindo que primitivos animais migrassem livremente. No caminho, o Rei de Angola encontrou guerreiros de várias tribos e ensinou-lhes a cultivar a terra. Era plantar para colher, domesticar alguns animais, e aceitar que muitas espécies permaneceriam na natureza selvagem. Kiamboté Kabila Duilo! Gongobira! Mutalambo: salve o caçador dos céus! Kiuá Nkosi, o Senhor da forja, ao transformar o instrumento de pedra em metal viu os guerreiros lutando para sobreviver. Da força do ferro, para o bem e para o mal, surgiram os instrumentos de trabalho e nasceu a natureza bélica. Kitembo não se abateu, e convocou Kavungo, Inquice da saúde, da morte e Senhor dos mistérios e Nsumbu, o Senhor da terra, para celebrarem a Kukuana: festa da fartura, da prosperidade de alimentos. O solo da mãe Terra ganhava assim a sua celebração principal. Em contato com a natureza plena e no reencontro com seus irmãos de Angola, o guerreiro Kitembo renovou seus laços de fraternidade, essência de sua ancestralidade, e seguiu viagem.

No final da era onde as águas se separam da terra, surgiram os grandes reservatórios debaixo e em cima da crosta do planeta. Angoro, Hongolo Menha, o arco-íris no céu, foi quem disso lembrou

Kitembo. Era o vapor, o gasoso hídrico, a água, a seiva da vida, que circundaria toda a terra e trazendo novos ciclos. As águas que se precipitam do céu tocados por Kitembo, Angoro e Bamburucema, se infiltram na terra e depois renascem límpidas e brilhantes. Fontes de toda a vida, as águas fizeram Kitembo entender a longevidade, o princípio de toda a cura e a bebida sagrada da imortalidade. Nos rituais africanos, a água é o elemento fundamental em banhos de cheiro, de descarrego; nas oferendas em cachoeiras; podendo, de forma mágica, também se transformar em estado sólido, fazendo surgir na natureza o encanto das geleiras, a neve e os icebergs. Foi num mergulho nas águas salgadas, que Kitembo chegou ao palácio subaquático, cercado de corais, e lá encontrou Samba Kalunga, guardião dos segredos dos mares profundos, e Nkianda, a dona de todo o mar e seus peixes abissais de extrema beleza. A benção das águas salinizadas interagiu com lagoas e lagos onde a vida e a beleza das espécies aquáticas são mantidas e preservadas sob a proteção da encantadora Ndandalunda, sereia de águas doces. Ndadalunda! Kissimbi!

Kitembo sabia que havia um destino solar no seu caminhar, o assim chamado fogo universal. Diante do poder incandescente, louvou Nzazi, a divindade do fogo, do trovão, da justiça. Estava diante do Inquice capaz de fulminar os injustos com sua pedra de raio. Uma chama incandescente que indica o caminho que deve ser seguido, por aquele que conhece os ensinamentos das leis do Universo. A força energética, ligada ao impulso da vida, à paixão, à transmutação; força avassaladora e incrível, associada à motivação, desejo, intenção, ímpeto e espírito aventureiro. Faísca de divindade que brilha dentro de nós e de todas as coisas vivas. A Magia do Fogo pareceu ao Rei de Angola assustadora, porque os resultados manifestam-se de forma rápida e espetacular, como nosso metabolismo e as paixões que nos movem. O movimento da ampulheta não cansava de surpreendê-lo. O encontro do sol com a lua, do dia com a noite, só foi possível porque o fogo, condutor da magia, a chama da vida estava ali presente nos raios de sol de mais um dia.

No Sol, nas estrelas, nas fogueiras, nas brasas, nas lavas, nos vulcões e nas erupções. O frenesi que esquentava nos dias frios e faz transpirar nos dias quentes. Foi quando Kitembo apreciou o eclipse, mais um espetáculo da natureza. E como isso não bastasse, o fogo era o elemento da comunicação, pois o fogo fala diretamente aos homens. Diante do fogo, o animal se espanta e foge, mas o humano espanta-se e aproxima-se. E ele faz parte de cultos e rituais, e desde os primórdios permitiu ao homem inúmeros avanços: o preparo de alimentos e bebidas, caçadas e no afugentamento de animais e grupos rivais, na fundição de metais e para fazer renascer as labaredas de fé no coração do homem.

O Rei Kitembo de Angola curvou-se diante do azul celeste, repleto do elemento Ar, e ali esperou até que surgisse ao seu lado Matamba, a Inquice rainha dos ciclones, furacões, tufões, vendavais. A guerreira poderosa, amor e paixão do Senhor do tempo. Contam as lendas que ele gostava de virar o tempo, apenas para ver Matamba soprar seu vento, tão fundamentais para movimentar as sementes outrora lançadas na terra. Ali, no chão da terra, onde o homem pisa com toda a sua humildade, estava a magia do poder transformador dos elementos. Matamba deu-lhe a mão, e seguiu com ele de volta para a África, para o Reino de Nzambi. Ali uniram seus súditos na criação de um novo reino, gerando trabalho e prosperidade por muitos séculos, emanando para todos os povos irradiações de amor e respeito pelo meio ambiente, a fonte inesgotável de vida para as futuras gerações. Que nossa vida seja um canal de manifestação do Reino de Nzambi, onde quer que estejamos. Que nossa ação, nossa

palavra, nosso agir, revele esse maravilhoso reino com todas as suas potencialidades. E assim abriremos de volta o caminho para que possamos viver o nosso Tempo. Como será o futuro da humanidade e a preservação dos elementos naturais? A união dos povos pela preservação da vida, responderia Kitembo. Na história do Tempo, a árvore sagrada da vida deixou registrada para todo o sempre esta cronologia: as raízes do passado, as folhas do presente e os frutos do futuro. Saravá! Nzara Ndembu!

De um velho soba do deserto de Namibe, para União da Ilha do Governador. Carnaval 2017."

O material obtido, foi amplamente utilizado. Saberes seculares foram carnavalizados e transformados em uma linguagem estética de fácil compreensão para o entendimento do grande público presente ao desfile. Nas fantasias de alas, foram contados o trovão, o eclipse, as águas, Nzumbaranda, a mais velha dos Inquices, que juntamente com Kitembo criou a natureza na Terra. Também teve espaço para Nsumbu – Inquice da terra que nos dá todo o tipo de alimentos e Kavungo - senhor dos mistérios, do chão.

O início do desfile, foi totalmente original, com referências às tribos bantos. Tal qual o povo guerreiro de além-mar, vestiu a ancestralidade de um Rei consagrado no tempo e no espaço. Fez do carnaval, o renascimento e a celebração do Tempo Rei, aquele que detém o poder de tudo transformar.

Nas três primeiras alas da escola, os africanos bantos mostraram os seus ritos para celebrar o sagrado, as suas cerimônias rituais. Domínio onde se unem e interlaçam corpo, espírito, mente e alma, passado e presente, visão e realidade, sagrado e profano.



Figura 1 – POVOS BANTOS



Figura 2 - RITO PARA KITEMBO



Figura 3 - NLUNDIS GUARDIÕES

A figura 1 mostra o figurino da primeira ala da escola - Povos Bantos: para os Bantos, povo que ocupou grandes áreas no norte e noroeste de Angola, o Deus

criador era chamado de Nzambi, que significa “o todo-poderoso” que criou o céu, a terra, os homens e tudo o que existe. Não há separação entre o sagrado e o profano. Tudo é sagrado: a natureza, a vida e a morte. Na figura 2, temos a representação sagrada - Rito para Kitembo: os africanos bantos têm os seus ritos para celebrar o sagrado, as suas cerimônias rituais. A figura 3 apresenta os Nlundis Guardiões: no interior do Palácio, todo dia e noite, os Nlundis protegiam a rara energia maleável e evolutiva- o Nguzu, que dava a Kitembo o poder de transformar o mundo.

Um dos grandes desafios, foi dar simbolismo e significado à Pangéia, uma das primeiras revelações do soba Ngulawa. Muito importante para expressar uma das passagens do tempo e tornar um figurino de leitura compreensível. Depois de algumas tentativas de desenho, finalmente surgiu a quarta ala da escola mostrada na figura 4 - Pangéia: de espírito livre, Kitembo deu início a uma viagem muito longa pelo universo e viu que muito pode acontecer em 4,6 bilhões de anos na terra. Resultante de poeira e gases espaciais que sobraram da formação do Sol, uma porção seca da terra estava agrupada fazendo surgir um supercontinente chamado de Pangéia.



Figura 4 - PANGÉIA

O mesmo cuidado e esmero que foi utilizado para a fabricação das fantasias de todo o chão da escola de samba, também foi utilizado para a confecção das alegorias. Todas as 7 alegorias do desfile retrataram os ensinamentos recebidos. Mas

teve uma alegoria em especial, que impactou o desfile, sendo muito elogiada pela imprensa especializada. Para representar a planta Welwitschia Mirabilis, com milhões de anos, agrupei animais pré-históricos que viviam harmonicamente com a planta. Todo o projeto foi concebido com movimentos articulados e revestimentos de palhas, jutas, algodão cru e sisal, o que deu originalidade causando um efeito impactante.

A figura 5 nos mostra um grupo de quatro animais. São estudos para a realização desta alegoria que mostrou que Kitembo teve contato com o primitivismo de animais selvagens de formas estranhas e gigantes. Encontrou guerreiros de várias tribos. Eram homens negros e destemidos ao lidar com esses animais.



Figura 5 - PRIMÓRDIOS DA FAUNA E FLORA

Os desenhos de fantasias e croquis de alegorias, tiveram a arte gráfica realizada pelo meu então assistente André Rodrigues. O desfile completo, mostrando todo o resultado plástico deste projeto e a transformação das informações recebidas pela tradição oral, pode ser assistido pela internet no canal do YouTube, cujo link de acesso é: <https://www.youtube.com/watch?v=hTnjgHFtTw8>.

Considerações finais

Na cultura africana temos um grande respeito ao passado, aos ancestrais e aos saberes preservados pela oralidade do seu povo. Existe um significado em tudo, uma energia particular que faz parte de uma grande energia que rege as relações do homem com o tempo, do homem com o seu lugar, do homem com as suas crenças. São fenômenos que sempre estão em plena transformação, preservando a vida dos seres humanos e da natureza.

Essa herança está entranhada na população brasileira e constitui parte da memória de nosso povo. Fomos influenciados por muito tempo na formação de nossa cultura, e as contribuições dos povos bantus, são evidentes para essa solidificação das religiões de matrizes africanas no Brasil.

O vasto material obtido, resultado do encontro com o soba Ngulawa, narrando episódios da religiosidade africana, do tempo e sua relação com os homens, dos ancestrais e divindades, possibilitou difundir essa cultura para todo o Brasil através do desfile da escolha de samba União da Ilha do Governador no carnaval de 2017, sendo transmitido pela televisão Globo para mais de 110 países. Significa a multiplicação da informação de forma positiva e transformadora. No dia 21 de Novembro de 2018, participei como palestrante, do Festival Global Cultural dos Povos Tradicionais Africanos e Afro-diaspóricos, na sede do Arquivo Nacional no Rio de Janeiro. Depois que eu falei do processo da construção do enredo sobre o tempo e os bantos, Milton Cunha que também integrava a mesa, fez uma pergunta sobre as Yabás angolanas. Não foi possível responder. O pensamento buscava algo que não existia na minha mente. Situação constrangedora. Todos se entreolhavam e tudo o que consegui foi balbuciar algumas frases sem sentido. Da plateia, um senhor pediu licença e tomou o microfone para falar que o que tinha sido perguntado, não poderia ser respondido. Que a religião preserva algumas informações e que eu não conseguiria lembrar desses ensinamentos. Foi um alívio e uma certeza que o soba Ngulawa teria suas revelações preservadas para o equilíbrio da natureza e para a felicidade humana.

Referências

- BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. Editora Pensamento-Cultrix Ltda. São Paulo, 2012, p. 55.
- DUARTE, Zuleide. A Tradição oral na África. Estudos de Sociologia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, vol. 15. n. 2, p. 181 - 189, 2009.
- RIO GIRAU. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: Acesso em: 02 jan. 2022.
- ROCHA, Denise. A fanática missão civilizadora de um religioso na Angola rural do século XVII (A Gloriosa Família, de Pepetela). Estudos de religião, ISSN 0103-801X, vol. 32, Nº. 2. Universidade Federal do Ceará, maio/agosto, p. 191-211, 2018.
- WELWITSCHIA MIRABILIS. In: GREENSAVERS, Portal Sapo, Portugal, 2021. Disponível em: Acesso em: 30 dez. 2021.